

regresso de camões a lisboa

Vasco Graça Moura

num areal de goa li as dez
canções camonianas e tomei
razões e sem razões pela marés,
vaivéns do coração vindos ao rés
5 da praia de ninguém por onde andei.
e passavam as deusas e não sei
se deixavam as marcas de seus pés,
se nelas cintilava ainda a espuma,
ou se eram a presença de nenhuma
10 sombra a dobrar-se em vento e coqueirais,
ausência que somente se presuma
como um vapor do dia que se esfuma
por sobre as rochas a servir de cais,
ou se eram, na enseada azul e verde,
15 por cruzar um veleiro repentino
sem levar passageiros nem arrais,
o que fica depois do que se perde,
uma toada a ir-se, um frágil sino,
como um ponto de fuga e nunca mais
20 por um eco se compre ou ganhe ou herde
liberdade, prazer, temor, destino,
sortes desfeitas, passes racionais,
fortuna, tempo e caso, ou desatino,
ou vulto que se achou e se perdeu
25 na curva vastidão dos areais.
de mais coisas não sei nem imagino,
mas lendo ia deixando de ser eu,
ou sendo densamente outros sinais
e a minha voz que assim deles cresceu,

30 de alheias sem razões se escureceu
que os enganos faziam musicais.
ao longe, perpassavam sombras tênues
que a memória persegue e não alcança
e o poder da palavra ainda menos,
35 e alguma porventura fora vênus
se o tempo recuasse e a lembrança
a engendrasse das águas, mas até nos
seus úmidos cabelos desentrança
o toucado dos versos interditos,
40 que o próprio não dizer por vezes é-nos
a sombra entrecortada de esperança
na mudez do divino e dos seus ritos,
ou, na perseguição de uma mudança,
luminosa saudade, enquanto dança,
45 de transformar em música tais gritos;
e até a desmedida natureza,
terrível de insolências e conflitos
e míseras palavras porventura
ganhando intensidade se represa,
50 quanto mais embargada mais acesa
e quanto mais expressa mais obscura.
nem a clareza fora atrevimento
pois ficam só o escasso entendimento
fingidamente claro e essa ficção,
55 por erros e memórias mais impura,
de que se faz carne da canção,
de que a canção se faz conhecimento
de que depois se faz o seu sustento
e de que se sustenta o coração,
60 enquanto fingimento, de amargura,
e enquanto de alegria, fingimento
de cativos contrastes cheio e vão,
de remorsos silentes na figura,
como o rasto que fica de um lamento,
65 ou de uma perdição que não tem cura,
composta de poeira e solidão
das propícias estrelas e de um vento
que por vagas ramagens não murmura
mais que a canção de amor e desalento,
70 mais que a perda força de um momento,
mais que a sombra do sono que perdura

e é de ser sombra só contentamento.
como a cidade em guerra se desmura
e se apressam na fuga os que a habitavam
75 levando só consigo os bens urgentes,
destas destruições que me ficavam
partiram pois as musas que banhavam
os finos tornozelos reluzentes
pela rebentação, as que brilhavam
80 entre águas e cabelos e trementes,
impessoais sorrisos que seus dentes
entre caules e corpos disparavam
e tais que de esperar desesperavam,
porque desesperar era preciso,
85 de imaginarem tanto humanas mentes
fantástica alegria cintilante,
tanto mais perto quanto mais distante,
que era afinal apenas vão aviso
na representação de cada instante.
90 e partiu dinamene e não se gravam
nem de seu corpo a curva mais vibrante,
nem as volutas leves do seu riso,
nem o peito acerado, o dorso liso,
nem os gestos que então a desenhavam,
95 nem as pegadas, nem sinais ardentes,
nem várias linguagens e costumes,
nem dolorosos versos que ficavam
medindo roucamente, impacientes,
desejos enlaçados com ciúmes,
100 cores vibrantes, rosas e perfumes,
a fúria e o impulso a abandoná-la,
lá onde a lua sobe e o sol se cala
quando riscam o céu súbitos lumes
e se fazem presságios, quando estala
105 um arbusto quebrado no caminho
por animal furtivo, quando a fala
é nesse caso a faca de dois gumes,
a irromper de surpresa e a desatá-la
sem razão os sentidos, no marinho,
110 rumoroso negrume em que se embala
e na angústia noturna vão tocá-la
como em vertiginoso remoinho.
li que houve solidão, luar e vinho,

115 insatisfeitos astros e prazeres
ilusórios, incêndios, maus poderes,
e descasos pungentes e o espinho
das distâncias inúteis e os saberes
dispersos naufragados nas jornadas
e a matéria do mal nas enseadas
120 de humano desgoverno e cupidez,
inveja, ardil, injúria, insensatez
que as almas todas trazem governadas.
e tudo o mais que vai de cada vez
crispando a experiência das imagens
125 de efêmera alegria nas golfadas
de sua própria falta sustentadas,
do azul ilimitado das paisagens,
das sôfregas errâncias e viagens
e humilhações e raivas e descrenças
130 e acelerações, tréguas, paragens,
longas expectativas, desvantagens,
portos de escala triste, nuvens densas
que o mar encapelado refletisse,
perdões, cartas perdidas, tais ofensas
135 que não apagam nunca o que se disse
e se desdisse, adeuses e partidas,
palavras sem sentido, frases tensas
nas quais cada silêncio se medisse
com estranhas conjuras desmedidas
140 de quanto, desamado, se sentisse
na memória e no corpo, o duro sal,
do pão comido longe, o vão desejo
de não perder imagens já perdidas,
de guardar-lhes a forma tal e qual,
145 de não perder na alma quanto vejo
e em quanto vejo acaso o que não visse,
de não perder o pé neste real
que o afastar-me fez que consistisse
em desvairadas, turvas despedidas
150 de estranha condição, já de ninguém.
e então tornava o lance desigual,
ou mais igual apenas por desdém,
que sendo bom ficar fizesse mal
e sendo mau partir fizesse bem,
155 e a dissonância ali fosse porém

como imperita mão em rude arpejo
que as cordas arrepiam e tange sem
um consciente ouvido nesse ensejo,
ecoando em revoadas insofridas
160 o que vivido não se diluísse
e em erro consciente fosse tal
que tantas vezes longe repetisse
o que não se repete, por sinal
tão sombrias memórias repetidas
165 e escuras ameaças. e afinal
só com os próprios ecos tem cotejo
e entre seus reenvios despedaça
o alento que na alma inda perpassa
e de ousadias próprias se faz pejo
170 de tão viva lembrança que desfaça
de apagadas venturas o sobejo
e a vida se embacie mais escassa.
e vindo ao mar de tinta então se enfuna,
colhendo ao sol inóspito lampejo
175 de asa contraditória que esvoaça,
a vaga vela aos ventos da fortuna
para o regresso percorrendo as ilhas,
demorando o trajeto até ao tejo.
e em nenhuma encontrando o que reuna
180 existência e ventura, maravilhas
de paisagem e de alma, corpo e duna,
existência e vontade, tantas milhas
uníssonas sem mágoa e cativoiro,
já sem as ninfas pondo o peito às quilhas,
185 só de águas mansas transportando amenas
os lírios atirados às mãos plenas,
celebrando à passagem cada inteiro
dia que se fechasse nas serenas
visitações da costa à luz, no cheiro
190 acre da maresia, sem saudade
roendo o coração, ficam apenas
desencontradamente as pobres musas
sem atinarem bem co sopro que há-de,
porque bichas etéreas tão pequenas,
195 preencher o vazio desfiando,
tirando a limpo às dores mais confusas
suas frágeis mentiras por verdade,

suas baixas prisões por liberdade.
ficam apenas essas perguntando
200 porquê e para quê e como e quando
se prestaria o canto a tais recusas
que os fados lhes vieram preparando.
assim que já não são feitas de luz as
nove irmãs merencórias recitando;
205 assim, por entre as ilhas não achando
repouso à inquieta consciência,
nem mais que conchas mortas e medusas,
nem que o calor da alma se aumentava,
nem que a respiração feita de ausência
210 o regressar ao tejo libertava,
nem que esperar pudesse impermanência
da desventura, assim que feita escrava
a vida de acidentes, vendo perto
luzir na praia a grenha de um archote,
215 como sinal de ancoradouro aberto
onde um sinal de vida não se esgote
como a presença humana no deserto,
lá cuidei às palavras ver desperto
o lanho, o lenho, o linho, ou a litote,
220 e no impróprio lugar sossego certo.
mas por espaço de ano e de mais ano
sem favor da fortuna que derrote
adversa condição, duros perigos,
e a deriva do engano ao desengano,
225 ou de pouca esperança os inimigos,
ou de alguma bondade mais castigos,
ou tanto injusto mando desumano
que do próprio direito faz mendigos
os que a sorte convulsa não perdoa,
230 deixando o desfavor de tais abrigos
quis ver de novo às velas tenso o pano
e o longo sulco aberto pela proa
a fugir da amurada no oceano
e alguma ave marinha como voa
235 entre rosa e cinzento no horizonte,
e algum sinal de terras que desponte,
em tanta ansiedade que esboroa
emboscadas de uma alma andando a monte
no propósito grave de encontrar-se

240 que tem nos desencontros seu disfarce.
nem de engendrar esperas a magoa
dever sem liberdade sujeitar-se
à branca luz do nome de lisboa
desordenadamente a libertar-se
245 como um halo da cal do casario,
ou de esperança um derradeiro arranco,
murmúrio murmurado sobre o branco
de alguma espuma a mais vinda do rio
em quietas mordeduras no seu flanco.
250 mas desalento e nojo, peste e fome
e sombras na chegada do navio,
que é fantasma também, tudo consome
o branco cintilante no sombrio
recorte da cidade no vazio
255 em que ela se tornou e faz seu nome
desterro e cerração e ódio frio
e uma doença de alma, estranha lei
de que um estranho pão ali se come.
foi desse pão que incerta vez provei
260 num areal de goa, ao ler as dez
canções camonianas, mas não sei
já distinguir os versos das marés,
vaivéns de coração e mar ao rés
do silêncio das conchas que escutei.
não pergunte, canção, porque cantei.

MOURA, Vasco Graça. *Poemas Escolhidos*.
Lisboa: Bertrand Ed., 1996, p. 463-9.